

Apresentação

ILANA GOLDSTEIN E LILIA MORITZ SCHWARZ

Jorge Amado foi um escritor movido pela utopia de pensar e reinventar o Brasil — utopia que no início da carreira se traduziu na militância comunista, e, com o passar dos anos, se transformou num elogio rasgado da mestiçagem e do sincretismo. Seus retratos da Bahia (que para ele significava uma espécie de laboratório para refletir sobre o Brasil) parecem ganhar, sempre, voo próprio, alcançando um público alargado, que inclui aqueles familiarizados com o universo da leitura, e outros, mais contagiados pelas novelas, seriados, filmes, músicas e até pelos passeios turísticos por Salvador e Ilhéus. O Brasil de Jorge Amado é, pois, multifacetado e descoberto por ângulos os mais inusitados.

Seu Brasil mestiço, alegre, festeiro e sensual apresenta elementos pinçados de um país tão real como imaginário, do mesmo modo como seus livros permitem entender aspectos sociais e culturais fundamentais da própria sociedade brasileira. Se nas suas páginas desfilam sociabilidades de toda ordem, cruzamentos e contatos fáceis, religiosidades plásticas e sincréticas, também estão presentes a violência do dia a dia, a hierarquia que perpassa todas as camadas da população, o lado árido do sertão e desse mundo cujas marcas sociais se inscrevem nos lugares mais privados. É por isso que, ao organizarmos este segundo *Caderno de Leituras*, optamos por destacar leituras antropológicas, históricas, sociológicas e políticas da obra de Jorge Amado. Este material, elaborado especialmente para professores dos Ensinos Fundamental II e Médio, chega para complementar o primeiro caderno, pautado por questões de língua e literatura. No nosso caso, tomamos Jorge Amado como um intérprete privilegiado do Brasil, e que permite, por meio de outras portas e janelas, revisitar esse mesmo país.

O primeiro texto, assinado pelo jornalista e crítico José Castello, faz uma retrospectiva da vida e da obra do romancista baiano, além de refletir sobre os dois

“Brasis” que coexistem dentro e fora de seus livros: um oficial, letrado, racional, capitalista, e outro popular, analfabeto, “malandro”. A sociedade brasileira — como dona Flor — parece querer ficar com os dois lados.

O antropólogo Luiz Gustavo Freitas Rossi faz uma leitura política da produção literária de Jorge Amado, revelando como ela esteve, ao menos em certo período, a serviço de ideais revolucionários, a ponto de a greve ser o epílogo, ou o momento culminante, de vários livros. Nela, o período em que o escritor esteve vinculado ao Partido Comunista é recuperado, e também se destrincha a importância da militância política na construção da obra desse literato.

Em seguida, o ensaio da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz discute a questão da mestiçagem no discurso de Jorge Amado, aspecto fundamental, pois, se por um lado Jorge Amado fazia a apologia da miscigenação brasileira, por outro dava visibilidade ao nosso racismo silencioso, escondido na intimidade, mascarado pela igualdade perante a lei.

O terceiro texto, do sociólogo Reginaldo Prandi — também muito conhecido por seu trabalho com literatura infantil —, analisa o sincretismo religioso e o papel do candomblé na literatura amadiana, fornecendo subsídios para a melhor compreensão dos cultos afro-brasileiros e apresentando exemplos de sua centralidade nos romances.

O ensaio da antropóloga Ilana Goldstein destaca as matrizes populares do universo do escritor, sua relação com o cordel e a constante circularidade entre a cultura letrada e a das ruas, tão bem traduzida por ele. Discute também a “brasilidade” construída por Jorge Amado, problematizando o conceito de identidade nacional.

Além dos textos assinados, selecionamos informações biográficas que ajudam a esclarecer aspectos significativos no conjunto dos livros do escritor, elaboramos quadros com informações complementares e importantes para a compreensão da obra, preparamos indicações bibliográficas e sugestões de atividades.

Esperamos com isso auxiliá-los no desafio de despertar em seus alunos, por meio de Jorge Amado, não apenas o gosto pela leitura, mas também o interesse pela reflexão crítica e viva acerca da nossa realidade. A literatura sempre foi um reflexo, mas também um elemento produtor de nossa identidade, e Jorge Amado é figura de ponta para, bem acompanhados, entendermos com quantas obras e romances se constrói uma imagem privilegiada desse Brasil, tão difícil de explicar e definir.